

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

RODRIGO BRANDÃO

**A ordem do mundo e o homem: estudos sobre metafísica e
moral em Voltaire**

São Paulo

2008

RODRIGO BRANDÃO

**A ordem do mundo e o homem: estudos sobre metafísica e
moral em Voltaire**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof.^a Dra. Maria das Graças de Souza, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Filosofia.

SÃO PAULO

2008

Agradecimentos

À professora Maria das Graças de Souza, por todos os anos de apoio aos meus estudos sobre Voltaire e o século XVIII.

À professora Marilena Chauí e ao professor Pedro Paulo Garrido Pimenta, pelos preciosos comentários quando do exame de qualificação.

Ao colega e amigo Vinícius Figueiredo, pelos comentários à introdução.

Aos colegas e amigos do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, que permitiram o afastamento necessário para a conclusão da tese, especialmente a Maria Isabel Limongi, cujo projeto do qual pude participar auxiliou a aquisição das obras necessárias para a realização do presente trabalho, e a Luiz Eva e Paulo Vieira Neto, pelas conversas e pela amizade.

À Consuelo, minha esposa, pela paciência, amor e incentivo. À Fátima e ao Zeca.

À Sarita, minha mãe, e aos meus irmãos.

A Leandro Cardim e Sylvia Cardim, pela amizade, carinho e pelo constante acolhimento.

Aos amigos Antônio José Pereira, Fernando Moraes Barros, Gabriela Doll Ghelere, Alexandre Amaral, Vicente Sampaio, Ana Lima Cecílio, Marco Mello, Laura Rivas Gagliardi, Alex Calheiros, Anderson Gonçalves, Bruno Simões e Cassiano Terra Rodrigues.

À Marie e à Maria Helena.

Ao CNPq, pelo auxílio no início da pesquisa.

À Consuelo e ao Pedro

« B – En conscience êtes-vous bien sûr de votre système?

A – Moi! Je ne suis sûr de rien. Je crois qu'il y a un être intelligent, une puissance formatrice, un Dieu. J'affirme une idée aujourd'hui, j'en doute demain; après-demain je la nie; et je puis me tromper tous les jours. [...]

B – Il est vrai qu'en fait de systèmes il faut toujours se réserver le droit de rire le lendemain de ses idées de la veille »

Voltaire *L'A, B, C*

BRANDÃO, Rodrigo. **A ordem do mundo e o homem: estudos sobre metafísica e moral em Voltaire**. 2008. 254 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2008.

Resumo: O presente trabalho visa compreender a relação entre a ordem do mundo e o homem nas obras de Voltaire, ou seja, elucidar a posição e condição do homem num mundo ordenado por leis e a compreensão desse mundo do ponto de vista humano. Para tanto se enfrentou os temas que tal relação oferecia ao autor: a liberdade e a necessidade, o destino, a providência e o mal. Estes tópicos, como se sabe, constituem os assuntos tradicionais da teodicéia, de sorte que o presente trabalho é concebido também como a elucidação da leitura crítica de Voltaire do otimismo filosófico.

Palavras-chave: Voltaire – liberdade – necessidade – fatalismo – mal - teodicéia – razão- ceticismo – diálogo

BRANDÃO, Rodrigo. **The order of the world and man: a study on metaphysics and morals in Voltaire's thought**. 2008. 254 f. Thesis (Doctorate), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, 2008.

Abstract: The present work tries to understand the rapports between the order of the world and man in Voltaire's works, that is, it aims at shedding some light on man as part of an ordered world and on the understanding of that ordered world from a human standpoint. In order to do that it focused the subjects which the comprehension of that relation required: liberty and necessity, destiny, providence and evil. Those topics, as one knows, constituted the traditional themes of the theodicy, so that the present work can also be considered as an account of Voltaire's critique of the philosophical optimism.

Keywords: Voltaire – liberty – necessity – fatalism – evil – theodicy – reason – skepticism – dialogue

SUMÁRIO

Apresentação	8
Introdução: sobre história e filosofia em Voltaire	13
<i>- A filosofia e seu tempo: gênio e gosto segundo Voltaire - Século de Luís XIV ou século dos ingleses? - A visada histórica e a filosofia experimental</i>	
Capítulo I – Deus e o mundo	46
<i>- O vazio e a existência de Deus - O conhecimento da existência Deus - Sobre a gênese da crença</i>	
Capítulo II – A liberdade	63
<i>- Liberdade e necessidade - A tentação do determinismo: Clarke contra Anthony Collins – A correspondência entre Voltaire e Frederico sobre a liberdade (1737-1738)-Voltaire determinista</i>	
Capítulo III – O destino	110
<i>- Liberdade particular e harmonia universal em Zadig: uma solução leibniziana? - A visão global e a visão parcial - O sentido de Zadig e o episódio do eremita - A pneumatologia de Voltaire - Voltaire fatalista: sobre a cadeia dos acontecimentos após Zadig - Causas finais e providencialismo</i>	
Capítulo IV – O mal	157
<i>- Nota especulativa sobre o mal - Breve histórico da questão sobre a origem do mal: Agostinho, Bayle e Leibniz – Voltaire e o mal como argumento materialista contra a existência de Deus - Voltaire e o terremoto (metafísico) de Lisboa – A carta de Rousseau a Voltaire – Sobre Cândido e o mal – Nota sobre o problema do mal nos anos 1770</i>	
Conclusão	237
Referências Bibliográfica	247

Apresentação

O objeto da presente tese de doutoramento surgiu ao final da dissertação de mestrado. Durante aquele período, o objetivo era percorrer algumas das obras centrais daquilo que poderíamos chamar de formação filosófica de Voltaire (1734-1739). Em Cirey,¹ acompanhado de Mme. du Chatélet, Voltaire, que já se dedicara ao estudo de Locke², passou a estudar pacientemente Newton e todas as querelas que cercavam o inglês, sobretudo aquela travada entre Leibniz e Clarke. Voltaire também se tornou leitor de Shaftesbury, Bolingbroke, Pope, Berkeley, Collins, Mandeville e outros. A dissertação de mestrado procurou compreender o sentido destes estudos e leituras por meio da crítica à filosofia de sistema e da consolidação do deísmo de Voltaire.

De acordo com a imagem corrente, Voltaire se manteve fiel às concepções de Locke sobre o conhecimento e às de Newton sobre a natureza. Eles serão sempre os representantes da “sã filosofia”, em especial Newton, que teria aliado como ninguém a experiência ao cálculo. Quanto à ordem do mundo, o francês estaria muito próximo do otimismo filosófico de Shaftesbury, Bolingbroke e Pope.³ Todavia, era aí que um problema de interpretação se impunha. Se a adesão a Locke e Newton era irrestrita⁴, a

¹ O período de Cirey se estende de 1734 a 1744, quando a ascensão de seu amigo marques d'Argenson ao posto de Ministro das Relações exteriores lança nosso filósofo em novas aventuras diplomáticas. Sobre isto ver: SAREIL, J. La mission diplomatique de Voltaire en 1743. In: *Dix-huitième siècle*. n.º 4. 1972. p. 271-299. Daquelles dez anos nos interessaram apenas os cinco primeiros que constituem o aprendizado filosófico do autor, cujo resultado será a redação do *Tratado de Metafísica* (1734-1737) e a publicação dos *Elementos da Filosofia de Newton* (1738-1741).

² A familiaridade com o *Ensaio* de Locke é antiga. Voltaire teve conhecimento do *Ensaio sobre o Entendimento Humano* por volta de 1724. Em carta do mesmo ano, Bolingbroke menciona e recomenda a leitura da obra. Mais tarde, já na Inglaterra em 1726, Voltaire lerá a versão original do *Ensaio*. Sua biblioteca continha uma versão em inglês e a tradução de Coste. É interessante que, para Voltaire, Locke será, sobretudo, o autor do *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Voltaire nada fala sobre outras importantes obras que, no entanto, não poderia deixar de conhecer. Nenhuma menção a *Carta sobre a Tolerância* (1689) e aos *Dois Tratados sobre o governo civil* (1690). Voltaire toda vez que defrontado com uma questão metafísica retornará ao autor, como “o filho pródigo retorna a casa de seu pai”.

³ Os capítulos VI, VII, VIII da importante obra *A Grande Cadeia do Ser*, de Arthur O. Lovejoy, mostram muito bem o sentido desse otimismo filosófico do século XVIII do qual estamos falando. A despeito da particularidade de cada autor, eles partilhavam as noções de plenitude e continuidade que estão na base da noção de *chain of being*, a qual condensa a imagem de um mundo ordenado e proporcional, cuja conseqüência moral pretendia ser a interdição da lamentação perante os males que não passariam, na verdade, de miopia da parte. Esta perspectiva é resumida nos conhecidos versos de Alexander Pope: “All Nature is but Art, unknown to thee;

All Chance, Direction, which thou canst not see;

All Discord, Harmony, not understood;

All partial Evil, universal Good:

And, spite of Pride, in erring Reason's spite,

One truth is clear, “Whatever IS, is RIGHT.” (An Essay on Man. In: *The Poems of Alexander Pope*. Methuen & Co. LTD. London, 1977. p. 515)

⁴ A única ressalva a Locke aparece claramente na vigésima quarta e na vigésima quinta dúvida d'*O Filósofo Ignorante*: Locke teria ido longe demais ao negar a universalidade das idéias morais.

mesma coisa não se dava em relação ao otimismo filosófico e à concepção da cadeia dos seres. Desde o *Discurso em Verso sobre o Homem* (1738), Voltaire hesitava em aceitar a perspectiva popiana segundo a qual o universo é uma corrente do ser que se estende de Deus ao nada, o que reservaria ao homem uma posição adequada da qual não poderia se lamentar. No entanto, aceitar a filosofia da natureza de Newton e muitos dos avanços da filosofia moderna em questões de física conduzia a uma visão de mundo que trazia consigo as idéias de continuidade e plenitude que estão na base da noção de cadeia do ser.⁵ Como diria o próprio Voltaire, era preciso aceitar que a filosofia da natureza de Newton concordava em alguns aspectos com a metafísica de Leibniz.⁶

Ora, a entrada da filosofia leibniziana só vem complicar ainda mais as relações de Voltaire com a questão da ordem do mundo e do lugar do homem nessa ordem. Sabemos da tão conhecida oposição entre Voltaire e Leibniz, o que exigiria a melhor localização do lugar do filósofo alemão no debate de Voltaire sobre o otimismo. Afinal de contas, como entender o flerte com a filosofia de Leibniz por parte do autor de *Candide*? Como entender esta aproximação por parte daquele que escreveu os *Elementos da Filosofia de Newton* e que não deixou de tomar partido na histórica querela entre Leibniz e Clarke?

Após estudos como o de William H. Barber e Jacques Van Den Heuvel⁷, sabemos que o ambiente intelectual na primeira metade do século XVIII na França e a própria obra de Voltaire estavam em grande parte contaminados por perspectivas leibnizianas e que este ambiente colocava lado a lado, não sem conflitos, autores que consideramos antípodas. Ademais, é certo que a maneira pela qual Voltaire e seu tempo

⁵ Esta questão já estaria presente no início da idade moderna. Sobre a noção de plenitude em Giordano Bruno e sua concepção de um mundo infinito, por exemplo, ver: KOYRÉ, A. *Du monde clos à l'univers infini*. Gallimard. Paris, 1973. p. 63 – ss.

⁶ Em 1739, num opúsculo intitulado *Réponse aux objections principales qu'on a faites en France contre la philosophie de Newton*, Voltaire nos oferece uma imagem interessante dessa concordância entre Newton e Leibniz. Ao comentar a questão da curvatura dos ângulos de refração e reflexão da luz, que não poderiam passar a um ângulo absolutamente agudo de uma só vez, com o que haveria um salto, “uma mudança de estado sem razão suficiente”, Voltaire diz: “Tout se fait par gradation, comme l’a très bien remarqué le célèbre Leibnitz; et c’est en conséquence de ce principe invariable de la nature qu’il n’y a aucun passage subit dans aucun cas; la chaîne de la nature n’est jamais cassée. Ainsi un rayon ni ne se réfléchit ni ne se réfracte tout d’un coup d’une ligne droite dans une autre ligne droite, et la physique de Newton s’accorde en ce point à merveille avec la métaphysique de Leibnitz » (grifos nossos). Nesse momento, em que a oposição a Leibniz ainda não se consolidara, e cujo sistema atraía os que cercavam Voltaire como Mme. Du Châtelet, o princípio de continuidade é aceito, bem como sua implicação: a noção de cadeia do ser. Ao nível da natureza é impossível não perceber que tudo se move por graus, sem saltos, ligando toda a corrente da criação por eles muitas vezes imperceptíveis. A física newtoniana concordava com a visão do tipo leibniziano sobre a ordem do mundo.

⁷ Refiro-me a *Leibniz in France from Arnauld to Voltaire: a study in French reaction to Leibnizianism* e a *Voltaire dans ses contes* respectivamente.

interpretavam um sistema muitas vezes não coincide com nossa imagem desse mesmo sistema. Exemplo disso é a imagem determinista que se fazia do sistema de Leibniz, ao que tudo indica partilhada por boa parte do século XVIII.

O próprio Voltaire, como veremos, não é alheio à “influência” da filosofia leibniziana. Sua oposição a ela se fortalecerá lentamente, e traços do leibnizianismo sempre estarão presentes - em especial ao que se refere à questão da liberdade do homem. Mesmo na *Metafísica de Newton*, na verdade, como diz o subtítulo, um paralelo dos sentimentos de Leibniz e Newton, o filósofo alemão tem um lugar muito importante, apesar de algumas brincadeiras sarcásticas. Na correspondência com Frederico em que trata da liberdade e da necessidade (1737-1738), a despeito de Voltaire afirmar que segue Clarke e condenar a posição supostamente leibniziana de Frederico, as posições do *philosophe*, como aponta van den Heuvel, não estariam tão distantes dos verdadeiros sentimentos do filósofo alemão⁸, e a solução final ao problema do mal em suas três últimas obras se vale da perspectiva de Leibniz.⁹

Além disso, o ambiente intelectual de Cirey estava cercado de newtonianismo e de leibnizianismo. Newtonianos, como Maupertuis, e leibnizianos, como Koenig. A própria Mme du Châtelet, tradutora dos *Principia* de Newton, tornara-se leibniziana, adesão apresentada em sua obra *Instituições de Física* (1740). Sem que se possa negar a filiação ao newtonianismo sobre a natureza e sobre o procedimento filosófico, em algumas questões particulares de caráter metafísico Voltaire não deixará de se aproximar da filosofia do alemão, do qual é costumeiramente considerado como antípoda. Daí a necessidade de nos afastarmos da imagem corriqueira de Voltaire como um antípoda superficial e leviano do otimismo de lastro leibniziano, imagem tão bem condensada pelo sucesso de *Cândido ou o otimismo*, encarregado que parece estar de resumir todo o pensamento de seu autor sobre este assunto, certamente a contragosto do próprio Voltaire.¹⁰

Então, a pergunta de ordem filosófica que se impunha e que poderia ser articuladora destes aspectos historiográficos era: como Voltaire concebe a ordem do mundo e a relação do homem com ela? Como Voltaire articula os pólos ordem do

⁸ VAN DEN HEUVEL, J. *Voltaire dans ses contes*. Armand Colin. Paris, 1967. p. 157-182.

⁹ Refiro-me a *Tout en Dieu, commentaire sur Malebranche* (1768), *Lettres de Memmius à Cicéron* (1771) e *Dialogues d'Évhémère* (1777).

¹⁰ No artigo *La Métaphysique du mal* (*Revue Europe*, 1994. n.º 781. Vol. 72. 1994. p. 63-78), Jean Goldzink reconhece que *Candide* não é um boa entrada na discussão voltairiana sobre o mal, pois ele é apenas um ponto de vista dentro de quarenta anos de especulações sobre o tema, de sorte que considerá-lo como porta-voz da posição final e acabada de Voltaire seria um enorme erro.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

